

<http://doi.org/10.47369/eidea-26-1-5117>



A retórica de Aristóteles e a hermenêutica bíblica **Uma entrevista com Manuel Alexandre Júnior**

Entrevistado: Manuel Alexandre Júnior

Universidade de Lisboa (UL), Portugal

orcid.org/0000-0001-5785-6342

Entrevistador: Eduardo Lopes Piris

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Brasil

orcid.org/0000-0003-3718-8126

Apresentação

A EID&A – *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação* dá continuidade à sua seção Entrevistas, idealizada com o propósito de dar a conhecer o trabalho de pesquisadores e pesquisadoras que têm contribuído para a consolidação do campo da retórica, da argumentação e do discurso, tanto no âmbito nacional quanto internacional.

Nesta edição, temos a honra de apresentar aos nossos leitores uma entrevista com o professor português Manuel Alexandre Júnior, uma das vozes mais autorizadas nos estudos de retórica clássica e sua interface com os textos bíblicos.

Professor jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Manuel Alexandre Júnior possui uma formação erudita que conjuga o mestrado em Teologia pelo Denver Seminary (EUA) com o doutoramento em Literatura Grega pela Universidade de Lisboa. Essa dupla filiação teológica e clássica permitiu-lhe construir uma obra ímpar, situada na confluência entre a tradição retórica greco-romana e a exegese bíblica.

É autor de uma vasta produção acadêmica, da qual se destaca a tradução portuguesa da *Retórica* de Aristóteles, realizada em coautoria com Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena, publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda e agraciada com o Prêmio de Tradução Científica e Técnica da União Latina/FCT em 1999. Esta obra tornou-se referência fundamental para os estudiosos

de língua portuguesa interessados no pensamento aristotélico sobre a arte persuasiva.

No campo dos estudos bíblicos, publicou títulos de grande impacto, como *Exegese do Novo Testamento: Um Guia Básico para o Estudo do Texto Bíblico*, *O Novo Testamento: uma introdução histórica, retórico-literária e teológica*, e *Aconselhamento Bíblico: para uma vida de plenitude e harmonia*, este último também premiado na área de aconselhamento. Em todos eles, evidencia-se o esforço de aplicar as categorias da retórica clássica à compreensão dos textos sagrados, renovando a hermenêutica bíblica a partir das ferramentas fornecidas por Aristóteles e pela tradição retórica posterior.

Membro ativo do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa e colaborador de diversas sociedades científicas nacionais e internacionais, Manuel Alexandre Júnior tem dedicado sua carreira a demonstrar a vitalidade da retórica antiga para a compreensão dos discursos que moldaram e continuam a moldar o pensamento ocidental.

É com imensa satisfação que convidamos nossos leitores a acompanharem esta conversa, na qual o professor Manuel Alexandre Júnior revisita sua trajetória, partilha os bastidores de suas principais obras e oferece reflexões instigantes sobre a atualidade da retórica aristotélica, o discurso religioso e os desafios contemporâneos para os estudos da argumentação.

Boa leitura!

Entrevista

EID&A: Professor Manuel Alexandre Júnior, é uma honra poder entrevistar uma figura tão proeminente nos estudos clássicos e bíblicos em língua portuguesa. Sua formação é inegavelmente muito rica: um mestrado em Teologia pelo Denver Seminary e um doutoramento em Literatura Grega pela Universidade de Lisboa. Como o senhor avalia o impacto dessa dupla formação teológica e clássica na sua abordagem aos textos? Em que medida essa interdisciplinaridade, que hoje é uma marca dos estudos de argumentação, já orientava o seu olhar para a retórica desde o início da sua carreira?

Manuel Alexandre Júnior:

Caro Colega Prof. Eduardo Lopes Piris e distintos leitores de Revista EID&A, a honra desta entrevista é igualmente minha. Responderei com muito gosto às questões que tem a gentileza de me colocar, até porque me dão a oportunidade de rever momentos áureos da minha vida e o seu sentido último.

A formação que recebi nestas duas áreas do saber foi acontecendo por força de uma vontade que transcendeu a minha. Convidado a ensinar grego e doutrina bíblica no nosso Seminário de então, mal cumprira nele o bacharelato em teologia, o seu director trabalhou por me assegurar bolsa de estudo no Seminário de Denver, onde vim a cumprir o programa de Mestrado em meados dos anos sessenta. E porque também ali estudei Grego Avançado, ainda mais me apaixonei pela disciplina, não descansando enquanto não fiz também os cinco anos de Filologia Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

No fim do curso, creio que também providencialmente, fui convidado a assumir funções docentes, e as cumpri passo-a-passo; até que, uma vez cumpridas as provas de Agregação, vim a assumir a cátedra de Literatura Grega, mal se abriu vaga para tal.

Não restam, pois, dúvidas de que esta dupla formação recebida muito concorreu para perfilar os horizontes da minha investigação nas áreas a que me tenho vindo a dedicar.

No ano passado, escrevi uma coleção de três livros sobre esta temática.¹ E nela se encontram parcialmente as respostas às questões a mim colocadas nesta entrevista; pelo que muito encorajaria a sua leitura.

Devo, entretanto, confessar que não foi no início da minha carreira académica que essa interdisciplinaridade começou a dar seus frutos. Foi, sim, no auge do trabalho de investigação que fui desenvolvendo no Institute for Antiquity and Christianity da Claremont Graduate University, a umas boas dezenas de Kms. de Los Angeles, onde me detive dois anos a estudar a obra de Fílon de Alexandria, como Fulbright visiting scholar, sob a supervisão de Burton Mack, distinto professor de Novo Testamento e profundo conhecedor, tanto de Fílon de Alexandria como de retórica.

¹ *A Chave Hermenêutica da Escritura: Uma retórica geral do texto e sua interpretação*. Lisboa: MAJ, 2025; *A Sublimidade da Escritura: Sublime é a doce experiência de a ler*. Lisboa: MAJ, 2025; *Leitura Retórica da Escritura: A nova face da hermenêutica na exegese e exposição do texto bíblico*. Lisboa: MAJ, 2025.

Foi dessa produtiva experiência (anos letivos de 1980/81 e 1982/83), em conjunto com a do ano intermédio em Paris, Sorbonne (1981/82) que, sob a supervisão de Valentin Nikiprowetzky – grande especialista na obra de Fílon de Alexandria – veio a brotar a minha tese de doutoramento, “Argumentação Retórica em Fílon de Alexandria”².

O simples facto da criação do curso de *Retórica e Oratória* no nosso Departamento e de a sua regência me ser confiada, ainda mais avivou em mim a paixão pelos estudos da crítica retórica; facto que igualmente me levou a aprofundar os horizontes hermenêuticos de exposição.

Na sequência deste afluxo de experiências, e com a anuência do meu Departamento, fui, no princípio dos anos 90, convidado a integrar o corpo docente do Programa de Teoria da Literatura da Faculdade. E foi aí, nesse programa de pós-graduação, que enfim regi seminários para mestrandos e doutorandos das mais diversas proveniências, ao longo de mais de doze anos; quase todos eles nos domínios da retórica e da hermenêutica. Dessa enriquecedora experiência resultou a maior parte da obra que, por mim, veio a ser publicada na matéria: mais de quarenta artigos e não menos de quinze livros; os três últimos, no ano passado.

EID&A: Professor, na introdução à sua celebrada tradução da *Retórica*, o senhor não se limita a apresentar o texto, pois nos oferece uma verdadeira aula sobre a origem da retórica e formação do sistema retórico. Nessa reconstituição histórica, o senhor destaca figuras como Córax e Tísias, situa a inovação de Górgias e, crucialmente, explica como a obra de Aristóteles foi fundamental para a consolidação do sistema retórico, um marco teórico basicamente indestrutível que influenciou Cícero, Quintiliano e toda a tradição posterior. Para os nossos leitores, que são majoritariamente pesquisadores em argumentação, como o senhor vê a importância de compreender essa longa duração da retórica, desde os seus primórdios na Sicília até a sua sistematização e posterior “retórica restrita”, para evitar os equívocos que levaram ao seu declínio e para fundamentar o seu renascimento contemporâneo nos moldes propostos por Perelman e pela Nova Retórica?

² Publicada em português, e depois em inglês, por expressa vontade de um grupo de filonistas americanos, e a convite da Brown University, Brown Judaic Studies: *Argumentação Retórica em Fílon de Alexandria*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990; *Rhetorical Argumentation In Philo of Alexandria*. Atlanta: Scholars Press, 1999 (mais duas vezes impressa em anos seguintes).

Manuel Alexandre Júnior:

Para questão tão abrangente, não é fácil uma resposta simples. Darei o meu melhor.

A tradução da *Retórica* de Aristóteles – aqui em Portugal na quinta edição, e aí na segunda, pela Martins Fontes – tem a sua própria história. Situa-se na primeira fase do meu labor mais fundo nos domínios da cultura retórica em geral: tanto nela em si, como nas temáticas da interdisciplinaridade que representa.

Para Isócrates, o grande cultor da *paideia* helénica e “educador da Grécia”, a retórica é a arte suprema³. Nenhuma rivalidade há entre ela e a filosofia, acrescenta. São duas irmãs gémeas com uma mesma origem, duas variedades de uma mesma espécie, dois grandes pilares de um mesmo edifício comum.

A retórica é, de facto, aquela cultura que toca todas as áreas do saber humano, enquanto “antiga e nova rainha das ciências humanas”. É que a cultura da palavra não é só a do que se diz ou escreve. Pois a palavra dita pensa-se em simultâneo. E é dos domínios da mente e do pensamento que brota a expressão de tudo o que o homem diz e faz na vida.

A expressão *rhetorica semper rediviva* descreve com invulgar rigor a sua permanência na cultura humana. É verdade que ela começou a ser sistematizada com Córax e Tísias na cultura grega, e que Aristóteles lhe deu a sua forma clássica mais decisiva. Mas isso não significa que antes dos gregos não havia retórica. Estou hoje mesmo persuadido de que, “retórica”, sempre a houve desde que o homem é homem. Basta que, para tanto, tomemos a sério a narrativa bíblica da criação, para também a sério ponderarmos essa hipótese.⁴ Ou será que Deus, ao criar o homem do pó da terra e lhe soprar nas narinas o fôlego da vida (Gn. 2:7), ao atribuir-lhe competências de linguagem à altura de uma conversa com Ele, não o qualificou para o uso mais sublime da linguagem com todos os seus atributos retóricos?

Ora, a ser assim, a duração temporal da retórica é bem mais longa do que estamos habituados a situá-la. E só não é, no mínimo, igual às suas origens, por força de todos os transvios, avanços e recuos a que tem vindo a ser sujeita.

Mas desde os seus primórdios, como a conhecemos na história, não há dúvida de que ela continuou a ter os seus avanços e recuos, quase afundando a sua

³ Henri-Irénée Marrou, *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité. Tome I: Le monde grec*. Paris: Éditions du Seuil, 1981, p. 133.

⁴ Ver Manuel Alexandre Júnior, *A Chave Hermenêutica da Escritura ...* pp. 30-52.

credibilidade na época do Romantismo; de tão marcante que foi nela a sobrevalorização das emoções, da subjetividade, do individualismo, do pessimismo e a melancolia; enfim, da liberdade um tanto libertina de expressão.

Dessa longa duração da retórica, foi posteriormente resultando a consciência da sua real verdade mais intrínseca; daquele código retórico que, atravessando todos os tempos de mudança, se revela redivivo na que é hoje chamada “Nova Retórica”, “Retórica Geral” e “Retórica Universal”; a qual não é muito mais do que a ressuscitação da essência da *Retórica* de Aristóteles; uma retórica filosófica de verdade, uma espécie de super-ciência que tem a realidade total por objeto.

Teremos de convir que a retórica, enquanto ciência multimilenária, transpõe as fronteiras de todos os seus teorizadores; é sempre mais do que quanto um simples manual comporta. Não é uma disciplina redutora que se possa conter nas fronteiras da obra de um simples autor, ou nas de uma escola de *aedos* que, pela palavra cantada, celebravam a memória coletiva do seu povo, como que possuídos por uma espécie de revelação divina. Esses ditos arautos da verdade serviam-se de técnicas de composição oral que, aos poucos, se foram fixando pela escrita, como no caso dos poemas homéricos, entre os gregos.

Aristóteles sintetiza o seu grande código em perspectiva helénica, mas não o esgota. Há toda uma tradição oral retórica e oratória que, se não lhe escapa, apenas nele se reflete à superfície. E se muita dessa tradição surge refletida na literatura que emana do génio judaico, é porque ela é mais prática e menos teórica, se realiza sobretudo na oralidade do discurso oratório.

Curiosamente, a tradição oral que precede o grande núcleo da teorização greco-romana parece revelar-se nos fundamentos da grande construção helénica. Nesta, estão à vista as grandes estruturas do discurso oratório. Mas é naquela que já se verifica a configuração dos microelementos, das microestruturas que a informam, iluminam e a que vão dando forma.

E refiro-me, não só aos de estrutura entimemática e paradigmática, que predominam mais na retórica grega. Refiro-me também a toda uma extraordinária variedade de paralelismos, simétricos e antitéticos, binários e ternários; de estruturas quiásticas ou quiasmáticas, de inversão e alternância, de inclusão e composição em anel, de refrão e simetria concêntrica; fenómenos retóricos muito bem exploradas pelo génio semítico nas Escrituras do Velho Testamento, e não só.

É extraordinariamente curiosa e rica a forma como toda essa parafernália de recursos retóricos de base se vê também usada nas Escrituras do Novo Testamento, tanto na sua estrutura como na sua textura de argumentação lógica, ética e patética. Basta ouvirmos com atenção a voz do texto, para de tudo isso e muito mais nos apercebermos.

A par com Aristóteles, Cícero e Quintiliano, ser-nos-á útil também, para o efeito, consultarmos os *Progymnasmata* ou *Exercícios Preliminares*; Manuais de exercícios de preparação para a retórica, como: *A Rhetorica ad Herennium* II e IV; os *Progymnasmata* de Téon de Alexandria; os *Progymnasmata* de Hermógenes de Tarso, Os *Progymnasmata* de Aftónio de Antioquia, e os *Progymnasmata* de Nicolau de Mira; ou, pelo menos, um deles. Embora em tudo semelhantes, estes manuais tem dimensões distintas e mais ou menos elaboradas, com doze a quinze exercícios, nomeadamente: exercícios sobre a fábula, a narração, a cria, a máxima, a refutação e confirmação, o lugar comum, a éfrase, a prosopopeia, o encómio e censura, a síncrize, a etopeia, a tese, a introdução de uma lei.

Muitos são hoje os estudiosos que colocam a retórica no centro dos estudos da Teoria da Literatura e dos Estudos Bíblicos. Começa a ser cada vez mais raro o comentário que não lhe dê a necessária atenção. A Nova Retórica que se inspira em Perelman & Olbrehtes Tyteca, a *Teoría de la Literatura* de García Berrio praticamente incidem na mesma direção; este último, celebrando a perenidade e atualidade da Retórica Geral, sublinhando “as categorias e os paradigmas analítico-interpretativos da Retórica: “uma espécie de mecanismo universal de persuasão”, enquanto “ciência plurissecular” a que efetivamente chama “Retórica geral”.

Berrio olha, pois, para a retórica clássica, não só como arte de persuasão verbal que não pode reduzir-se a mera retórica literária, mas também como “o mais completo instrumento científico de análise, interpretação e prática do discurso”.⁵

Enquanto “depósito secular do saber clássico sobre o discurso”, a retórica é, por conseguinte, mais do que uma simples técnica da expressão e expressividade persuasivas. Ela é a própria ciência retórica: a teoria e prática da expressão e expressividade persuasiva por todos os meios ao seu alcance: por um lado, uma Nova Retórica que é a recuperação da velha retórica clássica; por outro lado, uma Retórica Geral que se socorre de todos os recursos da tradição oral e os sabe usar no ambiente e nos limites de uma inteligência multimilenária. Em suma: uma teoria, ciência e arte

⁵ Antonio Gracia Berrio, *Teoría de la Literatura*, Madrid: Ediciones Cátedra, 1989, pp. 141-143.

puramente retóricas que buscam veicular o sublime da mensagem pretendida no contexto de cada ato discursivo; uma ciência e uma arte que se aprontam a receber e interpretar a rigor o significado pretendido pelo seu autor original.

Os equívocos que levaram a retórica clássica dos grandes teorizadores greco-romanos ao seu declínio, e que os clássicos do Renascimento procuraram reabilitar, acabaram por prevalecer até quase aos nossos dias. E, se as dinâmicas de uma Nova Retórica e uma Retórica Geral colheram os bons êxitos que o último meio século indicia, o facto é que ela ainda não recuperou a plenitude dos seus direitos.

“Heidegger descreveu a retórica de Aristóteles como sendo a primeira hermenêutica sistemática do ser-um-com-o-outro, da “convivência cotidiana” (Miteinandersein); não mais prioritariamente como ‘a arte de falar’, e sim como a arte de ouvir”⁶

Importa, sim, honrá-la com o seu bom uso, tanto na ciência e arte retórica como na “capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (Aristóteles 2.1: 1355b); como ainda na respetiva ciência hermenêutica que a representa: o seu obverso, a mais límpida leitura do testamento que o seu autor nos legou.

EID&A: Em livros como *Exegese do Novo Testamento: Um Guia Básico para o Estudo do Texto Bíblico* e *O Novo Testamento: uma introdução histórica, retórico-literária e teológica*, o senhor propõe explicitamente uma leitura que integra a crítica retórica. Poderia explicar aos nossos leitores como a retórica clássica, enquanto ferramenta de análise, ilumina a compreensão dos textos do Novo Testamento? De que forma a aplicação dessas categorias greco-romanas a um texto de natureza teológica altera ou enriquece a nossa percepção tanto da retórica antiga quanto da mensagem bíblica?

Manuel Alexandre Júnior:

Quando escrevi os livros que o caro Colega refere, sobretudo o segundo, iniciava eu a produção dos três que mencionei atrás e há meses publiquei. Coisificam-se os textos e tratam-se como se fossem objetos passíveis de manipulação ideológica. Mas um texto é uma voz, uma voz que nos vem do passado e nos quer

⁶ Martin Heidegger, *Ser e Tempo (Sein und Zeit)*, Editora Vozes. Fausto Castilho (trad.), Petrópolis, RJ, 2011, § 29; p. 395.

fazer chegar uma mensagem; mensagem persuasiva que em nós produza o efeito desejado pelo seu autor. E ainda mais, quando se trata do texto da Escritura.

Enquanto lida, a palavra expressa espera ser ouvida e sentida, como se fosse a voz de um testador a lavar a sua última vontade. O sentido pretendido que o autor honra na escrita, em função do contexto que a determina, é o único sentido válido que faz jus aos ouvidos do seu recetor. De sorte que, ler um texto, e sobretudo um texto bíblico, é penetrar-lhe nas entranhas do fundo e da forma, é digeri-lo histórica, gramatical e retoricamente, é buscar extrair dele toda a força do seu sentido e significado, de harmonia com a situação retórica que o determinou.

O que fui aprendendo com os mais lídimos teorizadores na matéria, ao longo das últimas décadas, foi que a obra que merece ser lida ou ouvida, o merece pela sua lógica, ética e estética; pela dinâmica, eficácia e força retórica da realidade que exprime.

Retórica de tradição oral, génio semítico e cultura clássica greco-romana foram-se discernindo e cruzando na singular aproximação de culturas que marcou a época helenística. E terá sido a partir desse fenómeno holístico de interpenetração e acomodação linguística e literária que, com o tempo e a seu modo, se foi discernindo a configuração de uma matriz retórica intemporal: o Grande Código que, nas palavras de Northrop Frye, moldou a literatura ocidental ao longo da sua história.

Foi, de facto, na época helenística que amadureceu a plenitude da retórica que hoje, com Perelman, se diz rediviva ou restaurada. Um Retórica Geral que, no exercício pleno dos seus direitos, e de mãos dadas com a gramática, a semântica e a pragmática do texto, acabou por potenciar todos os contornos da sua força lógica, ética, estética e patética: Por via do entimema ou silogismo retórico, e do paradigma ou exemplo, ela foi assumindo a plenitude da diversidade das suas competências.

A suma retórica clássica de Aristóteles, Cícero e Quintiliano, supõe, de facto, essa tal pré-retórica da tradição oral; retórica que passa pelos *Progymnasmata* ou exercícios de preparação para a retórica, e se complementa na substância da respetiva figuração, sobretudo no âmbito da retórica afetiva.

Foi, de facto, nestes exercícios preliminares de retórica que se começaram a exercitar as possíveis variantes compósitas do silogismo retórico, tanto por vias de expansão como de elaboração; variantes que vão desde o epiquirema quintileâneo ao raciocínio ciceroniano (ambos raciocínios ampliados com três e cinco partes, respetivamente), até à elaboração de uma *cria* em oito partes, ou à do argumento

mais completo e perfeito em sete (de Hermógenes, e do autor da *Rhetorica ad Herennium*). Foi também neles que se diversificaram variantes do paradigma: não só o exemplo simples e o exemplo de autoridade, mas também a metáfora, a comparação ou analogia, a parábola e a alegoria.

Em conjugação com estes exercícios entimemáticos e paradigmáticos, elaboram-se também os que emanam da vetustíssima tradição oral, respetivamente: paralelismos binários e ternários, simétricos e antitéticos; paralelismos em escada, em que frases-chave são repetidas e expandidas em cláusulas sucessivas, criando um fluxo rítmico semelhante ao dos degraus; também paralelismos invertidos de estrutura e simetria concêntricas como os quiasmos: quiasmos simples e compósitos, de estrutura ABA', e ABCD-D'C'B'A' ou ABC-D-C'B'A' etc.

O Novo Testamento é, porventura, o arsenal de documentos em que melhor se verifica o maior número destas propostas retóricas. Não é, pois, a retórica clássica aristotélica em si e só por si, que ali mais se faz representar. É a retórica clássica greco-romana ou helenística em toda a sua abrangência que não descuida o seu olhar sobre os *Progymnasmata*. Não só a retórica estritamente olhada à luz da sua função puramente retórica da escrita. Mas também e sobretudo a retórica alargada à plenitude das suas funções, enquanto código exegético e hermenêutico de leitura.

“A retórica restaurada às suas competências originais realiza-se... numa sequência harmoniosa de passos que convergem para um mesmo fim último... A retórica começa na mente que pensa o discurso em termos de sentido, intenção e força (o *logos endiáthetos*), e revela-se no verbo, na palavra dita, no exercício competente da linguagem que lhe dá expressão verbal, em termos de *ethos*, *logos* e *pathos* (o *logos prophorikós*); profere-se na harmonia das suas competências: lógica, linguística, semântica, literária, persuasiva e expressiva. É, enfim, uma retórica da comunicação persuasiva; retórica discursiva que não só se veicula pelo sentido pretendido por seu autor, mas que também justamente interpreta este e o dá a compreender ao leitor/ouvinte que o recebe; não com base nalguma outra construção hermenêutica de carácter ideológico ou filosófico que, necessariamente ou não, vise um significado outro conforme os desígnios do auditório, mas sim com vistas a uma recepção fiel e plena do sentido pretendido pelo autor [...]

A verdadeira hermenêutica bíblica, não passa, de facto, de uma autêntica retórica da leitura... O texto construído pelo recurso ao método retórico é desconstruído ou decodificado pelo mesmo método na ordem inversa; isto é,

recorrendo a rigor às regras, métodos e técnicas de que o autor se serviu para a sua construção e codificação; e tanto no seu plano lógico, ético e patético, como na estratégia dinâmica da concepção dos seus conteúdos”.⁷

Como assevera Henri-Irénée Marrou, “Toda a essência da nossa civilização foi plasmada na retórica” e por ela passaram os seus maiores avanços. Mas “Foi só... quando a fé cristã se decidiu a organizar cultura e educação em torno do Livro por excelência, a Bíblia’, fonte de todo o saber e de toda a vida, que o letrado antigo se tornou definitivamente um escriba”; quando, por assim dizer, se passou de uma cultura de nobres guerreiros a uma cultura de escribas letrados, e bem conscientes de que “a escrita é uma coisa sagrada, de origem e inspiração divinas”.⁸

O código retórico na sua essência e transcendência é, de facto, a ferramenta de leitura por excelência para a análise ou exegese e interpretação de textos em geral, e dos textos bíblicos em especial. Pois o código retórico, o Grande Código, se destinou nas suas origens, tanto a pensar e discernir o texto, com a construí-lo e interpretá-lo; a pensar e discernir o texto na *Intellectio* e *inventio*, a construí-lo e elaborá-lo na *dispositio* e *elocutio*, a interpretá-lo e expô-lo na *exegesis* e *pronuntiatio*.

Em sentido lato, a retórica é um todo que pensa o discurso, o gera, o interpreta e o expõe. E tudo isso parece estar a dizer-se nas palavras de Heidegger e Gadamer. De sorte que o Código Retórico serve em simultâneo estas duas nobres funções: a da hermenêutica enquanto ciência, e a da retórica enquanto arte. De sorte que bem podemos falar de uma retórica hermenêutica como de uma hermenêutica retórica: as duas faces de uma mesma moeda.

E, a ser assim, não é tão difícil responder à última parte da sua questão. O código retórico que temos no auge helenístico da sua configuração é aquele elenco complexo de convenções que o autor e o leitor necessariamente partilham. O contexto ou situação retórica destes será naturalmente diferente, mais ou menos distante um do outro a vários níveis, mas a essência da mensagem não muda. E é precisamente aí, no rigor da análise, que o crítico, exegeta ou intérprete tem que investir eticamente mais.

Se, no que respeita a textos puramente literários, a leitura deve honrar o sentido que o autor lhe pretendeu dar, quanto mais a leitura de obras de ciência, formação, educação e cultura, independentemente do género que as veicula!?

⁷ Manuel Alexandre Júnior, *A Chave hermenêutica da dEscritura*. Lisboa: MAJ, 2025, pp. 23-25.

⁸ H-I Marrou, *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*. 7. edição. Paris: Seuil, 1965, pp. 166-167.

Umberto Eco, por exemplo, sente-se obrigado a escrever obras críticas sobre essa problemática da interpretação; obras como: *The role of the reader*, *Os Limites da Interpretação*, e *Interpretation and Overinterpretation*. Um tanto em linha com Karl Barth, ele defende os direitos do autor sobre o texto e o dever de permanecer fiel ao rigor da mensagem, tal qual este a pretendeu significar. Interpretações há da sua obra em que ele próprio diz não se reconhecer.⁹ E o próprio Karl Barth se lamentava perante a leitura de um dos seus livros, dizendo que se sentia como quem fora canibalizado.¹⁰

Ora a Bíblia, como revelação de Deus e obra pedagógica por excelência, nada mais pode do que estar à cabeça desse desígnio singular. As convenções retóricas de que o seu autor se serviu em contexto para a produzir, devem ser ainda mais honradas por quem a lê ou expõe, na busca exegética e semântica do sentido pretendido por aquele que lhe deu voz.

O facto de o texto bíblico ser de natureza teológica em nada diminui a função retórica que lhe assiste. Muito, talvez, pelo contrário. Pois, como assevera Wuellner, se fomos retoricamente constituídos e a retórica verdadeira acompanha a humanidade desde as suas mais remotas origens como criação de Deus, a Escritura é a expressão maior de uma retórica do sublime, e nós seus exegetas vivemos sob o imperativo de a interpretar como tal. “Somos também guardiães dos mistérios da palavra divina... não só para as nossas comunidades religiosas, mas também, e não menos, para os de fora, isto é, para a nossa sociedade e cultura”.¹¹

Absolutamente convicto de que a hermenêutica brotou da retórica, e que a *Retórica* de Aristóteles é uma “hermenêutica sistemática”, Wuellner parece render-se sem reservas ao facto de que a retórica é a fonte que inspira a mais perfeita e completa interpretação do texto bíblico; e, naturalmente, que por via de uma exegese que sabe mergulhar a fundo na verdade toda do texto para uma compreensão integral do sentido e significado que o seu autor original pretendeu dar-lhe.

EID&A: Ainda no âmbito dos estudos bíblicos, e considerando a riqueza da literatura epistolar da Antiguidade (como o senhor analisou em seu artigo para a *EID&A*, em

⁹ Rocco Capozzi (ed.), *Reading Eco: An Anthology*, Indianapolis: Indiana, 1997, pp. 226.

¹⁰ Karl Barth, *Letters 1961-1968*. Ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1981. p. 8.

¹¹ Wilhelm Wuellner, “Hermeneutics and Rhetorics. From Truth and Method to Truth and Power.” *Scriptura*, Special Issue 3. *Journal of Biblical Theology in South Africa: Center for Hermeneutical Studies*, 1989, p. 49.

2015), como o senhor vê a operação da argumentação retórica em gêneros que não são a oratória pública, mas sim a carta e a epístola? Em textos como as cartas de Paulo, por exemplo, como a situação retórica específica (o auditório ausente, a distância, a relação pessoal com os destinatários) molda as estratégias de persuasão e a construção do *ethos* do enunciador?

Manuel Alexandre Júnior:

A literatura epistolar da Antiguidade, especialmente na epistolografia formal oficial e não só, adotou naturalmente as normas do código retórico, apenas com o acréscimo de uma abertura e um encerramento epistolares (o *prae-scriptum* e o *post-scriptum*). E tal matriz retórica é claramente visível nas epístolas do Novo Testamento, com especial incidência nas cartas Paulinas.

Fazendo distinção entre carta e epístola, Deissmann¹² sustenta que a carta é essencialmente espontânea, enquanto produção não literária, mais íntima, efêmera e privada; que a epístola, por seu turno, toma o lugar do discurso público, sendo escrita com um auditório em vista, e assumindo uma forma mais literária e persuasiva.

Os estudantes da epistolografia greco-romana, não só os antigos como os mais recentes, têm inclusivamente acentuado que as diversas espécies epistolares se assemelham aos três consagrados gêneros da retórica. Demétrio de Faleros,¹³ por exemplo, já tende a enquadrar neles os 21 tipos de cartas em que classifica o seu vastíssimo arsenal. E Libânio, quatro ou cinco séculos mais tarde, não hesita sequer em sustentar que o código retórico marca a sua presença não só na definição dos vários tipos de carta em sua aproximação aos três gêneros retóricos, mas também na sua adaptação retórica às mais diversas situações da vida.¹⁴ O carácter mais ou menos formal ou oficial, mais ou menos encomiástico, mais ou menos exortativo das cartas determinavam a categoria do seu género. E não era invulgar o autor socorrer-se de mais do que um género dentro da mesma epístola, pois nela se podiam tratar necessariamente questões relativas ao passado e ao futuro, como também ao presente. Uma mesma epístola pode persuadir e admoestar, elogiar e exortar.

Parecerá estranho ler as cartas Paulinas e nelas verificar a presença destes fenómenos retóricos. Mas mais estranha será a surpresa de ver como, no discurso poético e em prosa do Velho Testamento tão coesamente se articulam e entrelaçam

¹² Adolph Deissmann, *Light from Ancient East*. Grand Rapids, MI: Baker, 1978, p. 228.

¹³ Pseudo-Demétrio, Τύποι Ἐπιστολικούς 1.22-24.

¹⁴ Pseudo-Libânio, *Epistolary Styles*, §3.

convenções retóricas da mais longeva tradição oral; tudo isto na pena de quem melhor sabia representar o mais sublime que o génio semítico tinha para dar: Moisés e os demais.

Porém, quem conhece um pouco da vida e cultura do grande apóstolo aos gentios, não se surpreende. Como justamente diz N.T. Wright: “Saulo cresceu num lar judeu de observância rigorosa... num ambiente de trabalho poliglota, multicultural e multiétnico... Raciocinar era, aliás, uma coisa em que o Paulo da maturidade era particularmente bom, mesmo quando a densidade da sua argumentação punha à prova os seus leitores. Tudo o que sabemos sobre ele, encoraja-nos a pensar no jovem Saulo de Tarso como uma criança excepcionalmente dotada. Lia o hebraico bíblico fluentemente. Falava o aramaico do Médio-Oriente..., além do grego, que era ubíquo, e que ele falava e escrevia a grande velocidade. Tinha provavelmente alguns conhecimentos de latim. Mas o Paulo da maturidade tem outra coisa de que menos pessoas, mesmo no seu mundo, se podiam gabar. Dá toda a impressão de ter engolido a Bíblia inteira. Move-se com perfeita facilidade entre o Génesis e os Salmos, entre o Deuteronômio e Isaías. Sabe como funciona a história, os seus pontos altos e as suas profundezas, as suas voltas e reviravoltas. Pode fazer alusões complexas com um movimento da pena, e produz trocadilhos e outros jogos de palavras de umas línguas para as outras. O novo e radical ângulo de visão proporcionado pelo Evangelho de Jesus é um novo ângulo sobre textos que já conhece por dentro e por fora. Com bastante certeza, leu outros livros judaicos do tempo..., muito possivelmente, alguma da filosofia do seu quase contemporâneo Fílon... Saulo está a par deles passo a passo e, pode alegar-se, ultrapassa-os... A Bíblia de Paulo não era primariamente um conjunto de fragmentos rebrilhantes, instantâneos de sabedoria desligada. Era uma narrativa com raízes na criação e na aliança, e que se estendia em frente para a escuridão do desconhecido.”¹⁵

O apóstolo Paulo foi, facto, uma figura singular, com boa formação de base e uma educação retórica e filosófica de topo em Tarso da Cilícia, um dos maiores centros culturais de então. Ali terá passado as primeiras duas décadas da sua vida, transitando a seguir para Jerusalém, onde realizou os seus estudos em teologia, “aos pés de Gamaliel”.¹⁶

¹⁵ N. t. Wright, *São Paulo: A Biografia*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2019, pp. 30-33.

¹⁶ “Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas aqui fui educado aos pés de Gamaliel em estrita conformidade com a Lei dos nossos pais, sendo zeloso para com Deus” (Atos dos Apóstolos 22:3).

Ele próprio dá testemunho desta segunda fase da sua vida e da posterior ida a Damasco a perseguir os cristãos; também da forma como Cristo sobrenaturalmente se lhe revelou no caminho e de como a ele se converteu (Atos 22:3-16). Dá-o com uma convicção impressionante na defesa da sua fé em Cristo perante as autoridades romanas e na presença dos seus acusadores; e ainda mais incisivamente perante o rei Agripa, aquando da sua prisão em Cesareia (Atos 26:2-23).

Numa epístola, é verdade que o auditório está fisicamente distante, mas não sei até que ponto isso faz alguma diferença. Que a relação pessoal do autor com os seus destinatários se faz de outra maneira pela via epistolar, é uma limitação factual. Mas o autor de uma carta também sabe como contornar a distância e, no mínimo a suavizar, para alcançar os seus leitores com a maior força e eficácia possível. Mais ainda o grande apóstolo aos gentios, que fora “movido pela Espírito Santo” (2 Pedro 1:21).

Ele sabe como aproximar os seus leitores distantes e lhes falar lógica, ética e afetivamente ao coração, mesmo que tenha de se bater com eles pela força da amizade, pela eficácia da autoridade que representa, ou mesmo se sinta forçado a confrontá-los com a autoridade do seu apostolado. As estratégias de persuasão de que se socorre são perfeitamente ajustadas a cada situação concreta, pela força do amor que o constrange. No quadro de cada igreja em particular, ele socorre-se dos mecanismos retóricos mais adequados a cada uma das temáticas ou problemáticas que aborda. E, assim, tanto o *ethos* do emissor, como *logos* do discurso epistolar e o *páthos* dos receptores, leitores ou ouvintes resultam mais plenamente satisfeitos.

Não restam dúvidas de que Paulo elaborou suas cartas seguindo os cânones retóricos da época. Na defesa e proclamação do Boa Nova que lhe mudou a vida, ele soube socorrer-se como poucos das convenções retóricas do seu tempo, da força retórica da palavra nos seus devidos contextos, e em cada um a seu modo.

Na sua primeira carta aos Coríntios, por exemplo, Paulo sabia que tinha dificuldades a vencer para chegar ao coração dos seus leitores e ouvintes por esta via, e os persuadir a uma vida cristã mais consentânea com a essência do evangelho de Cristo. Problemas de vária ordem os afrontavam: eram carnais, não cultivavam a unidade, não levavam a sério a vida cristã, questionavam a ressurreição dos mortos. Pensavam-se no bom caminho e até achavam que nenhum dom lhes faltava. Mas não se entendiam em coisas essenciais de uma vida cristã a sério. Daí a estratégia retórica desta carta, a sua força e eficácia argumentativa. De forma diferente, em relação às

demais cartas, ele começa por evocar a sua autoridade apostólica, afirma Deus como autoridade suprema da igreja e Jesus Cristo como o seu real Senhor (1Co. 1:1-3). Realça a virtude das coisas boas que há neles, e diz que dá contínuas graças a Deus por isso. Enfim, predispõe-nos de forma eticamente intensiva e da forma mais acertada, para que eles se disponham a lê-lo e ouvi-lo em tudo, mesmo no que respeita a admoestá-los e corrigi-los. Se o ousa fazer olhos nos olhos, mesmo fisicamente distantes, ele sabe o tempo e o modo de o fazer e, também, como o faz (1Co. 1:5-9). Só assim igualmente se compreende o tom geral da carta e o seu grande final. Ele recomenda e não manda, ele exorta e admoesta em amor; e, num grande clímax, ele declara-lhes a sua dedicação por todos (1.Co. 16:13-23).

Na Carta aos Filipenses, a estratégia e lógica argumentativa são significativamente outras, embora os fins sejam os mesmos no evangelho que proclama. Aqui, Paulo não precisa de puxar pelos seus pergaminhos apostólicos. Sabe que está a escrever a uma igreja que o ama, o apoia, nele confia e a ele se confia. Por isso, apresenta-se como servo de Jesus Cristo (Fl. 1:1), como pessoa frágil, não obstante a autoridade que representa; como prisioneiro de Jesus Cristo por amor do evangelho e para o seu progresso (Fl. 1:12-14). A força retórica da sua unidade, integridade e coerência interna é claramente visível na estrutura quiástica ou quiasmática que apresenta, e a partir das saudações de abertura até ao grande final das saudações de encerramento: um quiasmo geral de estrutura ABCD-E-D'C'B'A.¹⁷ Enquanto epístola de amizade fraterna, ela é uma explosão missionária de gratidão e alegria no Senhor, com um admirável hino cristológico a tocar no seu centro (2:5-11). Toda esta carta é uma harmonia de convergências, em que a alegria da amizade fraterna na imitação de Cristo se torna o poder de um testemunho que transforma vidas. O milagre da eficácia persuasiva deste discurso epistolar está precisamente no exemplo singular de Cristo, que Paulo tão paradigmaticamente sabe imitar; está também na forma como ele não menos exemplarmente exorta, admoesta e ousa encorajar à concórdia discípulas do seu Senhor como Evódia e Síntique (4:2).

Na Carta aos Gálatas a linguagem é vívida, os argumentos são fortes e a mensagem poderosa na defesa do evangelho de Cristo em sua essência. Mais do que uma epístola apologética e mágica, ela subtilmente combina retórica forense e deliberativa na “defesa do verdadeiro evangelho”, da doutrina central do

¹⁷ Manuel Alexandre Júnior, *O Novo Testamento: Uma introdução histórica, retórico-literária e teológica*, São Paulo: Edições Vida Nova, 2021, pp. 454-455.

cristianismo, que é a justificação pela fé sem as obras da lei. Género, estrutura, e textura retórica juntas concorrem para situar o problema retórico de fundo e o resolver. Em todo o processo, é significativo o modo como Paulo enuncia a tese no prómio e depois a informa, argumenta e sustenta até à sua conclusão em clímax. Mais significativo ainda é o facto de ele recorrer à simetria concêntrica para desenvolver em quiasmo cada unidade da carta, bem como a carta no seu todo: estrutura literária em paralelismo inverso em que “os temas ordenados em crescendo na primeira parte, atingem o seu clímax no centro, e se repetem em ordem inversa na segunda parte; de sorte que o princípio e o fim se tocam, formando uma inclusão” no seu todo.¹⁸

É, por conseguinte, claro de ver como a retórica do discurso epistolar tão bem se ajusta e a rigor serve a do discurso oratório por excelência. E não é qualquer tipo de distância ou relação que interfere, afecta ou diminui o resultado-final da elaboração de uma epístola.

EID&A: A sua trajetória académica e pastoral sempre manteve um diálogo profícuo com o público contemporâneo, seja através de obras como *Aconselhamento Bíblico: para uma vida de plenitude e harmonia* (também premiada), seja na sua atuação como pastor emérito. Considerando que a tradição retórica clássica, como o senhor bem demonstra, sempre esteve atenta à diversidade dos auditórios e à eficácia do discurso, como o senhor analisa a força e as transformações do discurso religioso na esfera pública contemporânea? Vivemos um momento de grande polarização onde argumentos de fé são frequentemente mobilizados em debates políticos e sociais. A tradição aristotélica, com suas ferramentas para analisar o *ethos*, o *pathos* e o *logos*, ainda é uma chave de leitura eficaz para compreender e avaliar criticamente esses discursos?

Manuel Alexandre Júnior:

Surpreendeu-me o convite ultimamente recebido de uma investigadora integrada no NVIDIA Research Singapore (Universidade Nacional de Singapura). Diz seguir o meu trabalho na área da retórica com muito interesse após a leitura atenta do artigo que publiquei em 2008 na Revista *Românica* da Faculdade de Letras,

¹⁸ Cf. Manuel Alexandre Júnior, *O Novo Testamento...* (op.cit., pp. 414-415),

Universidade de Lisboa: “Eficácia Retórica: A Palavra e a Imagem” (em português! imagine-se).

Considera ela indispensável o meu conselho no grupo de trabalho a que preside, e diz muito desejar ter a minha colaboração “to promote the deep integration of artificial intelligence, complex systems Science and rhetorical studies”. E acrescenta: “Your perspective will be a significant driving force for our continued progress in this interdisciplinary field”.

A carta é longa. O volume de conhecimentos retóricos que revela é surpreendente. E diz focar-se na aplicação da inteligência artificial (AI) e computação de alta performance (HPC) como ferramentas auxiliares da investigação nas Humanidades, incluindo os estudos clássicos e a retórica. Interessa-lhe sobretudo mergulhar quanto possível no mundo da linguagem que nos transcende, pelo recurso eficaz ao poder da imagem.

O campo retórico é, de facto, imenso e amplamente diversificado. Os seus recursos prestam-se a servir pela palavra todas causas da cultura humana. De sorte que muito haveria para dizer sobre o tema. Mas vamos à pergunta do distinto Colega sobre a força e as transformações do discurso religioso na esfera pública contemporânea.

O traço mais característico do ensino da retórica no auge da época helenística foi o da preparação do orador para a vida pública. Ao invés de sinónimo de artifício, insinceridade, decadência, como ainda hoje se usa pensar, a retórica digna de tal nome não se confunde com o uso bárbaro da linguagem. É a essência da real *Paideia* humana que junta cultura retórica e cultura filosófica como irmãs, como variedades de uma mesma espécie, que pensam os pensamentos mais nobres e os proferem com a mesma grandeza de alma, que buscam enfim a consolidação do ser total.¹⁹

Essa é a cultura retórica que importa resgatar, neste mundo confuso de ditos saberes, que já nem sequer conseguem discernir a realidade última do Ser no seio das múltiplas verdades da contrafação. Uma retórica geral e universal, restaurada e rediviva, é a retórica do ser eticamente bom que fala bem e busca a harmonia do sumo Bem, do Ser total; do ser em harmonia constante consigo mesmo, com os seus mais próximos e o seu próximo mais em geral.

¹⁹ Cf. Henri-Irénée Marrou, *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*. I. Le Monde Grec. Paris: Du Seuil, 1981, p. 326.

É nela que deve estar a força do discurso que transforma a vida e que, transformando-a, também anseia mudar o mundo ao seu redor. Seria aí que a energia transformadora do discurso bíblico encarnaria mesmo a sério em quantos ousam transmiti-lo. Pois, no fundo, só fala bem quem é intrinsecamente bom, diriam os estoicos; quem pensa, fala e age em conformidade; quem justamente se bate por um mundo melhor, porque é melhor; quem consegue pensar tanto ou mais nos outros do que em si mesmo; quem, enfim, cultiva a sublime amizade dos antigos e faz questão de praticar o amor que, nas palavras do apóstolo Paulo, “tudo sofre, tudo crê, tudo espera e tudo suporta”. Pois, sem amor, sem o amor *ágape* da verdade e da generosidade plena, nem o melhor dom oratório, nem o conhecimento de toda a ciência, nem mesmo o melhor investimento da vida nos bastariam para empresa tão sublime (1Co. 13).

Neste estranho e tão polarizado mundo em que vivemos, como justamente observa, “os argumentos de fé” hoje usados nos mais diversos contextos, nem sempre correspondem à realidade última da palavra que dizem abraçar. Não passam, por isso, de “metal que soa e sino que tine” (1Co. 13:1). A palavra da Escritura transmite mensagem de um único sentido. O seu autor último transmite uma mensagem que é de todos os tempos para todos os tempos, e não há ideologia que tenha o poder final de a mudar, a não ser para prejuízo ainda maior de quem a manipula.

Sim, continuo a olhar para a tradição aristotélica como chave de leitura eficaz para a compreensão e avaliação crítica do discurso religioso. Só que *Retórica* de Aristóteles e tradição aristotélica não são bem a mesma coisa, nem podem confundir-se com um sistema unificado ou uniforme de retórica clássica. Numerosos estudos questionam hoje essa hipótese, após fundada investigação em Platão, Isócrates, Aristóteles, Cícero e Quintiliano, acentuando a flexibilidade da mesma.²⁰

Definições clássicas da retórica o evidenciam: criadora de persuasão, para Córax, Tísias e Platão; capaz de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir (Aristóteles); a faculdade de falar bem no que concerne a assuntos públicos (Hermágoras); *scientia bene dicendi*, a ciência de falar bem ou adequadamente, com propósito, e da forma mais eticamente aceitável (Quintiliano, em linha com os estoicos).

²⁰ S. J. Kraftchick e Wilhelm Wuellner, por exemplo.

O que estas quatro definições clássicas nos mostram? Que a retórica é uma ciência (ἐπιστήμη, *scientia*), uma arte (τέχνη, *ars*), e um poder ou força, uma capacidade ou competência (δύναμις, *facultas*); e que, enquanto arte, se revela um *corpus* ético, lógico, patético e estético de conhecimento; organizado em sistema com o fim de cumprir uma função prática de carácter persuasivo.

O seu propósito é efetivamente o da *persuasão*. De sorte que o orador ideal deve ser capaz de falar adequadamente sobre qualquer assunto; o que, em última instância, faz da retórica um super-ciência que abarca a realidade total como seu objeto.

Ao código retórico não faltam, portanto, ciência, arte ou mesmo competência para se assumir como chave da leitura eficaz. Basta que, para tanto, o intérprete ou orador saiba lidar de forma exemplar com as ferramentas de análise enunciadas: o *ethos* do autor, o *logos* do discurso e o *pathos* dos ouvintes. É assim, e tão somente assim que a retórica funciona como chave hermenêutica da Escritura. Basta que, para tanto, se dê a justa e competente atenção à situação histórica, epistolar e retórica que elucida a verdade toda do texto, e o ilumina no crivo exegético da sua interpretação.

A chave hermenêutica da Escritura está, de facto, na sua leitura retórica. Não necessariamente a da retórica restrita a um simples autor ou a um sistema pontual da história; mas sim a de uma retórica geral mais abrangente, que a contemple desde as origens históricas mais remotas da tradição oral.

No que concerne ao discurso religioso que a rigor se funda na Escritura, há que tomar mais a sério o código consagrado pelos grandes clássicos do mundo greco-romano, sobretudo nos estudos do Novo Testamento. Mas, no que concerne ao Velho Testamento, deve sobretudo dar-se atenção à retórica do génio semítico. Pois, se não ignora aquela, ela em larga medida se funda na retórica da tradição oral; aparentemente, aquela cultura de proximidade que unia povos como os hebreus na preservação da história dos seus antepassados, da sua própria identidade.

Na prática educativa dos hebreus, a narração, descrição e diferentes fórmulas de argumentação persuasiva faziam-se pelos recursos mais óbvios da ciência e arte aprendidas na escola doméstica, na escola da vida; sobretudo no ambiente familiar dos hebreus, que tanto investiam na cultura religiosa dos seus filhos (Dt. 6:1-3). Sua é a cultura do paralelismo, do mais simples ao mais expandido e elaborado, como é a simetria concêntrica e o quiasmo. Seu é também o recurso a formulações unitárias

de argumentação, das mais simples às mais complexas também; nelas se distinguindo as diversas configurações que vão do entimema ou silogismo retórico, ao paradigma ou exemplo.

E toda essa cultura tradicional que, aliás, não tinha fronteiras – pois igualmente se verifica na oralidade dos aedos ou rapsodos da cultura micênica, e se verbalizou pela escrita na épica homérica²¹ – veio a ser tomada a sério nas escolas helenísticas de princípios do século I a.C., senão antes, e se prolongou no tempo até ao século V da nossa era. Entre os autores que nos deram acesso a tão larguíssimo filão de exercícios retóricos primários e preparatórios, contam-se, como atrás referi, o autor da *Rhetorica ad Herennium*, Élio Téon de Alexandria, Hermógenes de Tarso, Aftónio de Antioquia, Nicolau de Mira e Libânio. Todos estes educadores foram celebrados pelas obras que escreveram no âmbito dos “Exercícios Preliminares de Preparação para a retórica”, os ditos *Progymnasmata*.

O próprio Quintiliano, que não escreveu manual sobre o assunto, detalha, na sua monumental obra *Institutio Oratoria*, a filosofia educativa e a importância destes exercícios (ditos em latim *praeexercitamenta*) na formação do orador. E Cícero persiste em dizer que não deixava passar um dia sequer sem ler ou praticar algum ou alguns destes exercícios preliminares para aprimorar o estilo e a argumentação.²²

Foi tal a vitalidade desses exercícios elementares na época helenística e na da Roma imperial, e tão grande a sua influência sobre as gerações futuras, que este paradigma de ensino retórico, literário e crítico ainda hoje inspira modelos de educação e cultura em muitas escolas ocidentais. Historiadores da retórica como Church²³ contam como a sua experiência no ensino universitário, na área dos estudos literários, evoluiu de um estado de frustração e desencanto, face ao elevado grau de iliteracia cultural na maior parte dos estudantes, para outro estado de satisfação crescente, por força da implementação de um sistema de exercícios graduados em tudo semelhantes ao dos *Progymnasmata*. Ao ensinar os seus alunos a ler, pensar e argumentar criticamente, bem como a escrever de forma clara e correcta com base neste antigo, mas relevante modelo de ensino, Church facilmente os conduziu ao

²¹ Manuel Alexandre Júnior, *A Chave Hermenêutica da Escritura* ... 2. edição, pp. 81-89.

²² Na minha obra recente sobre “A Chave hermenêutica da Escritura...” (Nota 1), dedico o capítulo II a estes exercícios, e os dois seguintes ao Cânon Retórico: II – “Fundamentos do Cânon Retórico: Exercícios Preparatórios de Composição, os *Progymnasmata*; III – O Cânon Retórico na Antiguidade Greco-Romana; IV – A Elocução; Expressão e Expressividade do Discurso Retórico”.

²³ A.P. Church obra, “Progymnasmata: Using Ancient Assignments for Creative Thinking, Reading and Writing”, <http://gemini.utb.edu/achurch/progymnasmata.html>, 9.2.pp. 1-17.

ponto de produzirem ensaios acadêmicos de qualidade, na plena convicção de que aquele sistema permanece hoje e sempre válido e necessário, graças à sua comprovada eficácia no cultivo de todas as competências intelectuais necessárias à consolidação da arte retórica e literária.

EID&A: Por fim, olhando para a sua vasta carreira como docente e pesquisador, e para o renovado interesse pelos estudos retóricos e argumentativos na América do Sul e na Europa, que conselhos ou reflexões o senhor compartilharia com os jovens pesquisadores que ingressam agora neste campo interdisciplinar? Quais temas ou abordagens (por exemplo, a retórica e as novas tecnologias, a retórica da ciência, a argumentação multimodal) lhe parecem mais promissores para o futuro dos estudos retóricos, sobretudo num mundo marcado pela desinformação e pela polarização?

Manuel Alexandre Júnior:

Ao que disse até aqui, não me resta acrescentar muito às suas amáveis questões finais. Mas compreendo a relevância destas, face aos dramáticos desafios estruturais que a educação retórica e literária hoje enfrenta, à perda de espaço que persiste em ter no *currículum* contemporâneo e às mudanças de paradigma que se privilegiam na educação.

A quantos vão ingressando neste campo inter e transdisciplinar de tão magna importância, só tenho eu que felicitar e encorajar. Sócrates, o mestre por excelência da cultura oratória nos séculos V-IV a.C. e “pai do humanismo”, dedicou meio século da sua vida a educar a Grécia. Pela sua escola passaram as maiores figuras do mundo helénico do seu tempo. E a ele se deve a glória de haver inspirado o que de melhor tem a educação nos domínios da nossa tradição ocidental (Marrou 1981, 1.128). Como mestre de retórica e eloquência, ele exaltou as virtudes do *Logos*, a palavra, e preparou o mundo para as grandes conquistas de Alexandre Magno. Colega de Platão na escola de Sócrates, ele batia-se pelo ideal da unidade pan-helénica. A retórica era para ele a arte suprema, ciente de que seria pela arma da palavra que a cultura helénica acabaria por vencer e governar o mundo.

Talvez mais do que qualquer outro teorizador da educação no seu tempo, ele sabia que a filosofia e a retórica são irmãs, e que em nenhuma circunstância se deveriam olhar como rivais. Como variantes de uma mesma espécie, elas foram destinadas a servir uma causa comum (Marrou 1981, 143).

Foi desse estado de consciência que nasceu a civilização da *paideia*, a qual perdurou por bem mais de um milénio. Se perdermos a cultura da “palavra” – palavra concebida na mente, na razão, no pensamento, e materializada no verbo, no discurso, na expressão oral ou escrita – perderemos a essência da nossa identidade. E nada melhor do que a ciência retórica para a reconquistar: não só como teoria efetiva do discurso persuasivo, mas também como a ciência da própria compreensão.

Se Aristóteles foi o sublime autor de obras afins como a *Retórica* e a *Poética* ele teve na sua retaguarda dois gigantes da teoria da educação, Platão e Isócrates; e nem sei qual deles foi o maior.

O facto é que também este grande pensador e mestre da palavra chamava “filosofia” à educação superior por que se batia (13.21). À formação filosófica que dava aos seus alunos chamava ele *logon paideia*: a expressão coletiva de todos os poderes humanos do pensamento, do desejo e da vontade; uma “filosofia do discurso” em cujo conteúdo apenas havia lugar para matérias importantes de grandeza ética insuperável; uma filosofia prática ou pragmática do discurso em que a sabedoria é colocada ao serviço do bem comum.²⁴

Isócrates dá testemunho eloquente destes valores no seu hino admirável ao *Logos* (mente, razão, discurso oratório) que assim define: “O *Logos* é o poder que causa e inspira quase tudo o que há de bom na pessoa humana. Foi o *Logos* que nos permitiu realizar quase todas as coisas que criámos em matéria de civilização. Foi ele que estabeleceu normas sobre o justo e o injusto, o belo e o feio, toda uma ordem de valores sem os quais seria impossível vivermos em comunidade. É o *Logos* que nos permite acusar os maus e fazer justiça aos bons. É graças a ele que educamos os ignorantes e distinguimos os inteligentes. Pois é na arte de falar bem que se revela o saber de quem pensa bem. O uso verdadeiro, justo e legal do *Logos* é a imagem visível de uma alma boa e digna de confiança. É também com o auxílio do *Logos* que discutimos o que é duvidoso, e investigamos o que é desconhecido. Se, em suma, quiséssemos determinar o alcance deste poder, veríamos que nada do que no mundo se faz com inteligência acontece sem o auxílio do *Logos*. Muito pelo contrário, que em todos os nossos pensamentos e ações o *Logos* é nosso guia, e que os mais favorecidos pela sabedoria são os que fazem o maior e melhor uso dele” (Isócrates, *Nicocles*. 5-9).

²⁴ Cf. Edward Schiappa, *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece*. New Haven & London: Yale University Press, 1999, pp. 162-183.

E que mais me faltará dizer para encorajar, entusiasmar mesmo, os jovens que estão a dar os seus primeiros passos ou o ponderam fazer nesta magnífica área do saber humano? É verdade que as fontes de encorajamento serão poucas, que as saídas profissionais ainda não abundam nestes domínios. Mas já foi pior.

É verdade também que a retórica ainda não recuperou a sua posição central na formação académica, que a educação literária se tem dispersado por outras vias e ainda não voltou a dar o devido valor à sua matriz original; que os desafios da era digital e a inteligência artificial também não ajudam, nem mesmo o delírio das novas formas de comunicação nas redes sociais. Mas tanto os tecnocratas como os mentores das ciências da natureza começam, também eles, a dar-se conta da suma importância da palavra: que não basta dizer as coisas; que também é imperativo saber dizê-las com base em recursos retóricos investidos de pureza linguística, clareza de expressão, elegância do estilo, narração e argumentação sólida e persuasivamente sustentadas. E há sinais de esperança, pois a retórica está a voltar com mais força às academias; tanto nos países anglófonos como germânicos, e até nalguns asiáticos mais distantes.

Quanto a temas e abordagens, só quase precisarei de dizer que a retórica é uma ciência, uma arte e um poder ao serviço de todas as causas. Como atrás disse: são cada vez mais numerosos os académicos que acentuam este facto; entre eles, Marrou que, como Isócrates, continua a acentuar o facto de a retórica ser a arte suprema (1, 133).

Quanto aos temas e abordagens que me parecem mais promissores para o futuro dos estudos retóricos, não sei bem dizer quais, porque deveriam ser todos. Pois todos carecem da argúcia do exercício mental e verbal, da eficácia argumentativa e persuasiva para fazerem chegar a sua mensagem a bom porto. O próprio ensino, seja do que for, passa necessariamente pela retórica.

A implementação das nobres causas que se defendem, a publicidade eficaz dos produtos que se lançam no mercado, tudo o mais que persuasiva ou pareneticamente se fundamenta e justifica, passa necessariamente pela retórica. O próprio ensino, seja de que matéria for, assume a plenitude da sua eficácia na retórica; assim com todos os meios de comunicação que se autovalorizam. Seja pela via direta da palavra, da retórica que elucida, move, comove e leva às decisões certas; seja por via da imagem, da música, das artes performativas, a retórica tem uma função soberana a cumprir.

A retórica verdadeira é uma ciência e uma arte de múltiplas competências. Analisa o estado da arte nos mais diversos domínios do conhecimento humano, discerne hipóteses e avança lógica, ética, afetiva e persuasivamente para a solução dos problemas. O código retórico simplesmente avança com os recursos de que o retor ou comunicador precisa para alcançar com êxito os objetivos a que se propõe.

Como saber interdisciplinar e transdisciplinar, a retórica está presente no direito, na filosofia, na oratória, na literatura, na hermenêutica, na crítica literária, na teologia, no sermão e nas novas tecnologias. Como, na Antiguidade ela se nutria das sete artes do saber encíclico, também hoje se põe ao serviço dos demais saberes. E sempre com o objetivo de dar um primeiro impulso para a formação do homem total, do ser humano na completude da sua integralidade.

Num tempo em que tanto se relativiza e politiza a verdade, ainda mais se nos impõe um sistema de educação que em simultâneo invista na formação integral do indivíduo, na construção do carácter e da vida, na consciência isocrática de que só pessoas de bem podem ser bons cidadãos e bons oradores, e de que o discurso verdadeiro, legal e justo é a imagem exterior de uma alma intrinsecamente boa.

É imperativa a cultura de uma retórica integral de cidadania; de uma retórica em permanente diálogo com a escola, a academia, os meios de comunicação, a saúde, a política, a jurisprudência, as mais diversas tecnologias, a própria inteligência artificial; de uma retórica de tal modo integrada e globalizada que, nas palavras de Aristóteles, nos ajude a compreender cada vez melhor a importância de discernir os meios de argumentação e persuasão disponíveis em cada situação concreta da vida; e que, nas palavras de Isócrates, nos ensine a lidar sabiamente com as circunstâncias do dia-a-dia, na aplicação bem-sucedida dos princípios e valores que justamente enformem, no seu melhor, cada dimensão da nossa existência.

Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior; Paulo Farmhouse Alberto; Abel do Nascimento Pena. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2018.

ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. Argumentação retórica na literatura epistolar da Antiguidade. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 8, n. 1, p. 166-187, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/612>

ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. **Exegese do Novo Testamento**: um guia básico para o estudo do texto bíblico. São Paulo: Edições Vida Nova, 2016.

ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. **Aconselhamento bíblico**: para uma vida de plenitude e harmonia. São Paulo: Edições Vida Nova, 2016.

ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. **O Novo Testamento**: uma introdução histórica, retórico-literária e teológica. São Paulo: Edições Vida Nova, 2022.